

Ontologia e estética: uma filosofia do *tempo poético*

Mirian de Carvalho
Departamento de Filosofia da UFRJ

A tessitura do instante poético é um cosmos entre o nada e outro nada.

1 Introdução

No desenvolvimento do nosso projeto anterior, cujo objetivo era estudar, na Poesia, a transitividade da imagem à linguagem no plano ontológico, recorreremos à leitura de Gaston Bachelard com o fito de caracterizar as articulações fundantes das imagens do tempo na arte poética.

Concluímos, da leitura de tais obras, que o tempo é uma questão básica no contexto da filosofia desse autor, vindo a constituir uma questão estética em aberto. Em aberto, em virtude das categorias estéticas criadas por Bachelard e de uma metodologia que suscita "leituras" filosóficas novas e inusitadas das várias expressões artísticas.

Tais "leituras" trazem novas questões ao campo da estética contemporânea.

Nessa dinâmica, a partir do processo de fruição, a Poesia e a Arte nos conduzem à descoberta de instâncias estético-filosóficas renovadoras da própria metodologia em curso.

Ao trazer ao campo da Estética novas categorias advindas desse método, suas idéias nos dão subsídios para "pensar" filosoficamente a arte, no plano ontológico, através da perspectiva de constituição **temporal** do objeto estético, segundo nossas pesquisas.

A categoria básica da estética bachelardiana - o **instante poético** - é estudada no ensaio "Instante poético e Instante Metafísico" (1938). O surgimento de tal categoria decorre do desdobramento de questões concernentes ao tempo incluídas em obras anteriores como: **A intuição do Instante** (1932) e **A dialética da duração** (1936), nas quais Bachelard desenvolve suas teses relativas à **instantaneidade** e à **descontinuidade** temporais. Nessas duas obras, além de fundamentar suas teses relativas à **instantaneidade** e à **descontinuidade** temporais, ele estabelece a partir daí uma polêmica relativa ao pensamento de Henri Bergson.

À **durée** bergsoniana Bachelard contrapõe a noção de **descontinuidade** temporal. Para Bachelard o tempo é instantaneidade, temática e problemática estudadas primeiramente na obra. **A intuição do instante**, na qual Bachelard afirma:

...o tempo é uma realidade fechada sobre o instante e interrompida entre dois nadas. O tempo poderá renascer, mas é necessário primeiramente que ele morra. Ele não poderá transportar seu ser de um instante para outro instante para daí fazer uma duração.¹

A questão da instantaneidade temporal foi pouco depois trabalhada, sob outro aspecto, na obra **A dialética da duração**. Nessa obra Bachelard estuda os ritmos temporais. Mostra que a continuidade é ilusória e que nos é dada através de retomadas pertinentes à percepção, ao pensamento, e aos atos de atenção.

Para Bachelard, nossas experiências do tempo do pensar e do tempo do mundo ocorrem num tecido temporal. Esse tecido temporal possui uma espessura que percebemos como contínua em virtude de ser ela - a espessura temporal - composta pela aglutinação de sistemas de instantes. Bachelard mostra então de que modo esses sistemas se agrupam em retomadas, em recorrências fundantes dos diversos sistemas rítmicos que compõem os vários tempos superpostos. Cada tempo se define, assim, em meio às superposições temporais, por uma dialética:

Determinamos o princípio temporal fundamental da rítmica generalizada: é a instituição de uma forma. Um caráter é rítmico se ele se restitui. Ele dura então através de uma dialética essencial.²

Em **A dialética da duração**, Bachelard analisa, com base no ritmo concebido como sistema de instantes, questões pertinentes à Música

e à Poesia. Dois anos depois incluirá no plano da Estética a noção de instante poético.

Definidas em sua filosofia as categorias temporais básicas: a instantaneidade, a descontinuidade e o ritmo, o filósofo as direciona, como mencionamos, ao plano da Poesia.

No ensaio “Instante Poético e Instante Metafísico” elabora a noção de instante poético, noção que integra outra categoria temporal - categoria fundamentalmente estética - àquelas anteriormente elaboradas no contexto de seu pensamento filosófico: trata-se da verticalidade.

2 O tempo na poesia

O instante poético integra o tempo vertical. O tempo da poesia, diz Bachelard, é vertical. Para construí-lo “o poeta destrói a continuidade simples do tempo encadeado”.³

No instante poético as sonoridades vazias são abandonadas. O poeta fixa no tempo uma imagística detectada pelo seu estado de ânimo. Faz alçar ou descer uma imagem na verticalidade temporal - no tempo da poesia.

Nesse momento o poeta capta simultaneidades imagísticas, simultaneidades ordenadas no instante poético. Diz Bachelard:

Em todo poema é possível então encontrar os elementos de um tempo detido, de um tempo que não segue a medida, de um tempo que chamaremos de vertical para distingui-lo do tempo comum, que foge horizontalmente com a água do rio, com o vento que passa.⁴

No tempo vertical, observamos, as imagens poéticas se deslocam em movimentos descensionais e ascensionais dando uma nova ordem temporal à linguagem e ao mundo.

As imagens poéticas têm, segundo Bachelard, uma dialética própria - dialética das correspondências, dialética da ambiguidade - que se caracteriza pelo rompimento dos quadros sociais, fenomenais e vitais da duração.

Para Bachelard, o tempo é uma ordem. No plano da Poesia, é uma ordenação de simultaneidades - simultaneidades imagísticas - ordenação inusitada, no trabalho de cada poeta e na singularidade de cada obra de per si. Assim sendo, a estética bachelardiana não constitui uma categorização conclusiva. Ela se formula a partir da experiência

estética, por isso a “invenção” metodológica é vital no contexto de tal Estética.

Seu método foi estudado exaustivamente por Vicent Therrien na obra *A revolução de Gaston Bachelard em crítica literária*. Therrien aponta nessa metodologia oito fases que se aglutinam e constituem um corpo teórico, o que torna sobretudo instigante a possibilidade de uma “compreensão” da Poesia e da Arte através de tal abordagem.

Esse enfoque requer uma “crítica onírica”⁵, uma descoberta que renova a Estética retirando-a de qualquer perspectiva de estagnação quanto à objetividade e à subjetividade implícitas aos formalismos estéticos.

Bachelard nos aponta os caminhos de uma estética ontológica; “ontogenética”⁶: de acordo com Therrien.

Em *A poética do espaço*, ao definir o seu objeto, Bachelard refere-se ao estudo da imagem na sua **ontologia direta** - ontologia direta da imagem - segundo Bachelard, e ontologia direta do tempo poético, de acordo com nossas observações.

3 A imagem e o tempo na poesia

A noção bachelardiana de **instante poético** compreende o tempo na poesia, tal como foi mencionado na introdução, como **sistema de simultaneidades ordenadas**.

Fundada na experiência estética, a noção de instante poético traz ao campo da Estética uma questão de grande complexidade - a questão do método.

O método bachelardiano, de acordo com a nossa leitura, consiste numa apreensão do sentido da imagem - é, pois, como observamos, uma questão **em aberto** no plano da Estética. Tal método, ao retirar a obra do contexto histórico, inscreve o “fruidor” nos movimentos imagísticos da obra, e tem como meta o acolhimento da imagem poética por parte do “leitor”.

A imagem, acrescentará mais tarde Bachelard, em *A poética do espaço* (1957), tem repercussão. Desperta, no leitor, novas imagens: “trata-se, com efeito, de determinar, pela repercussão de uma só imagem poética, um verdadeiro despertar da criação poética na alma do leitor”⁷.

Essa imagética, observamos, em ascese ou em descese na verticalidade temporal, é solidária. Atinge o outro através de uma causalidade formal: “vai direto, verticalmente, no tempo das formas e das pessoas”.⁸

Na mesma obra, *A poética do espaço*, Bachelard dirá então:

*É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem: se houver uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem.*⁹

Com base no filósofo, podemos afirmar que a imagem é o fulcro de emergência poética de qualquer expressão artística, ela surge no tempo poético ao ser a obra acolhida esteticamente.

O instante poético realiza-se enquanto simultaneidade, enquanto multiplicidade de eventos imagísticos.

Trata-se de um “pluralismo de eventos contraditórios”¹⁰ reunidos numa causalidade formal da qual emerge a imagem poética. Esse tempo tem direções e sentidos próprios, não segue o curso do tempo encadeado. Nele integra-se a ambivalência das imagens poéticas.

O tempo poético, segundo Bachelard, é vertical. Seus movimentos seguem os movimentos do sonho. Concretiza-se na surpresa do devaneio - do sonhar acordado. Os movimentos ascendentes e descendentes que integram a causalidade poética determinam-se na obra formatada. O instante poético segue o curso do devaneio.

Para Bachelard, o devaneio, assim como o sonho, desarticula o tempo transitivo - o tempo do mundo e das coisas. A temporalidade, segundo Bachelard, constitui um tecido - um tecido temporal. Nela entrelaçam-se vários tempos que compõem sistemas de instantes; de instantes descontínuos.

A duração é ilusória, é uma metáfora. Os tempos que compõem a duração são repletos de hachuras. Não as percebemos porque cada um deles, cada um desses tempos, encobre as lacunas deixadas pelos demais tempos que compõem a espessura temporal.

A atividade poética advinda do devaneio, e concretizada na obra de arte, tem movimentos semelhantes aos do sonho. A atividade poética e as expressões estético-artísticas desarticulam os demais tempos; determinam outra instância temporal. O instante poético é o tempo de emergência da imagem poética.

“A poesia é uma metafísica instantânea”¹¹. Nesta afirmação Bachelard situa a seguinte idéia: a poesia fixa, no seu instante único, a visão cósmica das coisas e a inquietude de cada coisa - o **universo** e a **alma**. Funde-os imagisticamente:

4 Conclusão

Momento único, momento de uma simultaneidade fundamental, a Poesia explicita uma dialética singular. Trata-se de uma dialética da ambiguidade, dialética das simultaneidades, das correspondências. As equivalências temporais na Poesia situam a infinitude e a finitude, a eternidade e a instantaneidade na mesma realidade temporal: o instante poético. Nele o tempo detém-se em fuga, costumamos dizer.

O instante poético elide a linearidade horizontal da prosa, do mundo e do discurso, e, através da dialética das correspondências, instaura semias novas - semias descursivas e não discursivas - instaura significados e sentidos. A instantaneidade poética cria uma linguagem nova, desvela imagens inusitadas inscritas, em altura e em profundidade, na sua tessitura vertical - na tessitura do instante poético.

Nesse sentido, segundo Bachelard, a prosódia reúne todas as formas do tempo encadeado, tais como o pensamento, as experiências efetivas, os acontecimentos sociais. Observa o filósofo: "Mas todas as regras prosódicas são somente meios, velhos meios"¹², e completa:

*A meta é a verticalidade, a profundidade ou a altura; é o instante estabilizado no qual as simultaneidades, ordenando-se, provam que o instante poético possui perspectiva metafísica.*¹³

Perspectivas metafísica esclarecemos, porque as simultaneidades ordenadas são um instante do ser, do ser que se realiza, que emerge, e se detém na instantaneidade; por isso repetimos: o instante poético **detém-se em fuga**.

No instante poético há razão e paixão. Razão e paixão instantâneas. Razão e paixão dialetizadas. A poesia acolhe antíteses, antíteses dinamizadas a negar o tempo do mundo, a modificar o tempo da matéria.

A estética bachelardiana, assim nos mostra Therrien, é uma "ontogênese"¹⁴, lembramos. Ontogênese imagética e ontogênese linguística, observamos. "O instante poético" é uma relação harmônica entre dois contrários"¹⁵. De tal relação, nos é dado inferir, emergem novos **seres de imagem**.

Os seres de imagem advindos da instantaneidade poética resultam de uma simultaneidade excludente do tempo do mundo. Assim sendo, o instante poético é um fulcro de experiências imagéticas entrelaçadas, localizadas verticalmente no tempo - no tempo singular da poesia.

O tempo vertical, ao acolher imagens em ascese ou em descese, nega não só os quadros fenomenais, sociais e vitais da duração; ele desconhece, recusa também os nexos implícitos à causalidade linear, horizontal.

Na temporalidade vertical, a ambivalência é irreduzível à antítese, o simultâneo é irreduzível ao sucessivo:

Pode-se verificar facilmente essa relação de antítese e de ambivalência quando se deseja comungar com o poeta que, evidentemente, vive num único instante os dois termos de suas antíteses.¹⁶

Afirma Bachelard que sejam eles termos opostos ou termos diferentes o segundo não é requisitado pelo primeiro. Nesse processo não há causalidade eficiente: "Os dois termos nascem juntos".¹⁷

Temos observado, ao longo de nossas pesquisas, que a simultaneidade poética no seu sentido mais amplo é um fenômeno comum à Poesia e à Arte.

Nesse contexto, observamos ainda que uma leitura das expressões artísticas fundada no pensamento de Bachelard inclui a análise da imagística do espaço, do espaço apreendido na qualidade de *topos* poético.

O **instante poético** e o **espaço poético**, nessa linha de pesquisa, demandam por sua vez uma análise da questão da imagem nos escritos de Bachelard.

O estudo dos princípios de uma estética bachelardiana funda-se numa abordagem conjunta do tempo, do espaço e da imagem enquanto categorias poéticas, mas o instante poético é a categoria basilar dessa estética, por ser, na obra de arte, o momento de emergência do espaço elaborado pela imaginação poética.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ BACHELARD, Gaston. *L'intuition de l'instant*. 1.ed. Paris: Gonthier, 1932, p.13.

² _____ *A dialética da duração*. Trad. Marcelo Coelho. 1.ed., São Paulo: Ática, 1988, p.117.

³ _____ *O direito de sonhar*. Trad. José Américo Motta Pessanha e outros. 1.ed., São Paulo: Difel, 1986, p.184.

⁴ Id. lb. p. 184.

⁵ Cf THERRIEN, Vicent. *La revolution de Gaston Bachelard en critique littéraire*. 1.ed., Paris: Klincksieck, 1970, p. 349.

⁶ Cf. *Id. lb. p. 134.*

⁷ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. 1.ed., Rio de Janeiro: Eldorado. s.d, p.9.

⁸ _____ *O direito de sonhar*. Op. cit. p. 189.

⁹ _____ *A poética do espaço*. Op. cit. p. 5.

¹⁰ _____ *O direito de sonhar*. Op. cit. p. 185.

¹¹ *Id. lb. p. 183.*

¹² *Id. lb. p. 184.*

¹³ *Id. lb. p. 184.*

¹⁴ Cf. Ref. n 6.

¹⁵ BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Op. cit. p. 184.

¹⁶ *Id. lb. p. 184.*

¹⁷ *Id. lb. p. 184.*